

Uma conversa com Christiana de Caldas Brito

A escritora Christiana de Caldas Brito nasceu no Rio de Janeiro, em 1939, e está, atualmente, radicada na Itália. Ao conquistar o segundo lugar no **1º Concorso Letterario Eks&Tra**, com o conto "Ana de Jesus", obteve reconhecimento público e começou a trajetória que a levou a ser considerada um expoente da Literatura da Migração italiana.

Em 1996, com o conto "Tum tum, tum tum", ganhou o **Concorso Letterario Nazionale per il Racconto Inedito**, de Cremona.

Seu primeiro livro de contos, *Amanda Olinda Azzurra e le altre*, foi publicado em 1998, pela editora Lilith de Roma. Esgotou-se em pouco tempo e teve uma segunda edição pela editora Oèdipus, de Salerno-Milano, em 2004.

Em 2003, obteve o **1º Premio di Scrittura Femminile Il Paese delle Donne**, promovido pela Casa Internazionale delle Donne, em Roma.

Em 2002, lançou uma fábula para crianças, *La storia di Adelaide e Marco*, também pela editora Il-Grapollo.

Outra coletânea de contos, *Qui e là*, foi lançada em 2004, pela editora Cosmo Iannone, como parte de um projeto de curadoria do Prof. Armando Gnisci, proeminente escritor e professor de Literatura Comparada da Università degli Studi di Roma, La Sapienza.

Também pela Cosmo Iannone, foi lançado o seu primeiro romance: *500 temporalì*, cuja ação se passa no Brasil, que foi recebido com aplausos pela crítica especializada.

Seu último trabalho publicado, *Viviscrivi, verso il tuo racconto*, pela editora Eks&Tra, em 2008, consiste em um ensaio sobre a arte da escrita de ficção.

Diplomada pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, Christiana também é autora de textos teatrais. Atualmente, ela conduz um laboratório de escritura em associações culturais, escolas e cursos superiores, como também na Associação Eks&Tra, da Universidade de Bolonha.

Colabora também no projeto Grundtvig European Programme, Arte Terapia Social, em que recebe participantes italianos, romenos e franceses. Em conjunto com Michela Carpi, instituiu o Laboratório de Escrita Autobiográfica da Associação BombaCarta.

Seu famoso monólogo "Ana de Jesus" tem sido continuamente representado na Itália.

Este ano, durante a SETTIMANA DELLA LINGUA ITALIANA NEL MONDO, o público brasileiro pôde contar com a presença de Christiana de Caldas Brito em palestras apresentadas no Rio de Janeiro (UERJ e UFRJ) e São Paulo (USP), onde também conduziu laboratórios de escrita ficcional.

Tivemos o privilégio de ler *500 temporalì* no ano de seu lançamento e, além do reconhecimento da excelente obra ficcional, marcou-nos a sensação de aquele era um romance "brasileiro" escrito em italiano.

Por ocasião da vinda de Christiana ao Brasil, em 18 de outubro de 2010, assistimos à sua apresentação na UFRJ e fizemos uma breve entrevista com a escritora.



1-Christiana, sei que a sua carreira como escritora foi construída na Itália, mas gostaria que você me falasse um pouco sobre a sua relação com a literatura. Como ela surgiu? Você já escrevia, ainda que informalmente, quando estava no Brasil?

Sim, eu já escrevia. Desde criança, se me perguntavam o que eu gostaria de ser quando crescer, eu respondia: escritora. Minha mãe era uma escritora e seus romances saíam em capítulos na revista “O Cruzeiro” antes de serem publicados e vendidos nas livrarias.

2- A sua ida para a Itália foi determinante para definir o seu estilo de escrita e os temas que aborda em seus livros?

Posso afirmar como justo que minha ida para a Itália não só sugeriu temas, mas também o meu estilo.



3- *Amanda Olinda Azzurra e le altre* é um livro premiado, que aborda a questão da diferença, do Outro, e a Itália tem um histórico de uma relação bastante problemática com os imigrantes. Você sentiu na carne essa diferença, esse lugar do Outro?

Não. Senti saudade, passei por momentos de solidão, mas nunca fui tratada como “diferente”, num sentido pejorativo. Minhas diferenças eram, pelo contrário, valorizadas e apreciadas.

4- Quando li *500 temporalì* tive a nítida sensação de estar lendo um romance brasileiro escrito em italiano. Como você explica isso? Você acha possível que a literatura do imigrante em uma língua estrangeira possa reter as marcas identitárias de sua cultura de origem a tal ponto?

500 temporalì foi escrito em italiano e para os italianos. Acho que sim. Algumas palavras foram deixadas em português exatamente para que a história não perdesse as suas características brasileiras (como, por exemplo, “favela”, “morro”, “carioca”, modos de falar das pessoas. Além disso, os nomes dos personagens são bem típicos). Conheço bem a minha cidade (Rio de Janeiro) e a mentalidade de seu povo. Procurei ser fiel ao que conhecia.

5-O monólogo de Ana de Jesus em *Amanda Olinda Azzurra e le altre* causou impacto, tanto é que, além de bem recebido pela crítica e pelo público, tem sido representado no teatro inúmeras vezes. Como foi escrever aquele relato em uma interlíngua, em “portuliano”, como dizem alguns críticos?

É o conto que mais trabalho me deu, pois tinha que parecer extremamente natural aquela língua híbrida que é o “portuliano” e quando escrevi *Ana de Jesus* eu já falava bem o italiano. Procurei entrar na mente de uma *colf* (collaboratrice familiare) e observei o seu modo de falar.

6- Em *500 temporalì*, você retratou de forma contundente o dia-a-dia de pessoas que vivem nas favelas do Rio de Janeiro. Como você construiu a narrativa do seu livro? Quase foram os referenciais para a sua escrita?

É um livro “coral”. Passo a palavra de um a outro personagem e são eles, os personagens, a contar a história, a mostrar o que acontece através das próprias reações. Quis a chuva como *leit-motiv* do romance, mas, na verdade, ela é também uma personagem, talvez a mais importante de todas. Dela depende a vida dos vários outros personagens. Muitos dos fatos que conto são reais porque eu trabalhei nas favelas quando morava no Rio, antes de ir à Itália.

7- Infelizmente, aqui no Brasil, não há nenhuma pesquisa concreta sobre a literatura escrita por brasileiros que vivem no exterior. Na Europa, e para os críticos e pesquisadores que estudam a questão da migração, você é considerada uma escritora migrante. Como qualquer outra pessoa que vive a experiência da migração, o escritor que vive em outro país passa por fases no seu processo de aculturação. O

quanto há de brasileira e de italiana na Christiana de hoje? Você pode dizer se experimentou aquilo que os teóricos chamam de “transculturação”?

Não consigo estabelecer fronteiras dentro de mim. Sinto-me enriquecida pela minha experiência de migrante e pelo fato de escrever em uma língua nova, aprendida já como adulta. Não me pergunto quanto existe em mim de brasileiro ou de italiano. As duas culturas convivem sem conflitos em mim, mas quando escrevo falo daquelas pessoas em que isto não se verifica.

8- O seu relato intitulado “Cara Jandira”, entre outras coisas, fala de nostalgia e também da visão estereotipada que os europeus têm da mulher brasileira. Como você interpreta esse estereótipo? Já houve alguma mudança? Qual é a visão atual do povo italiano em relação a ele?

O estereótipo é cômodo, não ajuda a pessoa a pensar e a ter a sua visão de um fenômeno. O estereótipo revela mais a pessoa que o usa do que a pessoa à qual se refere. Houve, sim, mudanças, mas tem sido lentas. A arte (por exemplo, a música, a literatura e a arquitetura) tem muito contribuído para mostrar um outro Brasil no exterior e, no caso, na Itália.

9- Quais são os seus planos em relação a escrever sobre um tema que esteja estritamente ligado à Itália, assim como fez com o Brasil em *500 temporalì*?

Meu próximo romance *Colpo di mare* passa-se em três lugares diferentes: em Roma, na Sardenha (Carlo Forte, na ilha de San Pietro) e no nordeste do Brasil. Creio que seja um passo na direção de não relatar só o que diz respeito ao Brasil, não?

10- Creio que o idioma constitui a maior dificuldade para o escritor migrante. Como você venceu essa barreira?

Como já tive ocasião de mostrar, as barreiras podem ser transformadas e funcionar positivamente quando o estrangeiro observa a língua nova e descobre nela aquilo que os autóctones não notam (veja os comentários sobre o som gutural “ch”). A língua natal é contaminada, os vocábulos têm já sua história, mas uma nova língua se apresenta pronta à criatividade porque imaculada, aberta. Costumo dizer que a língua italiana é para mim como um lençol branco, limpo, estendido ao sol.

Esperamos que esta matéria desperte o interesse do público leitor brasileiro pela obra de Christiana de Caldas Brito, a quem agradecemos a gentileza da entrevista concedida.

Shirley de Souza Gomes Carreira
Editora